



SER OU NÃO SER? AS CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR NO DISCURSO DOCENTE DA ESCOLA PÚBLICA

Edergênio S. Vieira¹

Resumo: O trabalho procura investigar as características do bom professor no discurso docente da rede pública de ensino. Analisa a partir das leituras e da pesquisa de campo, como os professores constroem discursivamente os pressupostos do bom docente. Busca investigar a origem dessa profissão na Grécia Antiga, além de apontar as competências necessárias ao magistério na atualidade, verificando se o que os docentes têm como ideal de bom professor vai ao encontro do que as principais literaturas apontam sobre as características do “bom” professor. Os autores utilizados foram Nóvoa (1997), Pimenta (2002), (2004), Perrenoud (2001), Morin (2002), Libâneo (2016), Mosé (2013), Fairclough (1989), (1995) (2001), Maingueneau (2002), Foucault (1999), Menezes (2011), entre outros.

Palavras-chave: Professor. Identidade. Educação. Formação Docente.

Abstract : The text seeks to investigate the characteristics of the good teacher in the discourse of the teachers of the public school system. It analyzes from the discourses of the teachers, as these construct discursively the presuppositions of the good teacher. It seeks to investigate the origin of the teaching profession in Ancient Greece, in addition to pointing out the necessary skills to the teacher in the present time, verifying that what teachers have as an ideal teacher is in line with what the main literatures point to the characteristics of the good teacher. The authors used Nóvoa (1997), Pimenta (2002), (2004), Perrenoud (2001), Morin (2002), Libâneo (2016), Mosé (2013), Fairclough (1989), (1995) (2001), Maingueneau (2002), Foucault (1999), Menezes (2011), entre outros.

Keywords: Teacher. Identity. Education and Teacher Training.

¹ Mestrando em Linguagem e Tecnologia (IELT-UEG), professor efetivo da rede municipal de ensino de Anápolis. eder.poeta@yahoo.com.br.



Introdução

Grande variedade de léxicos existentes na língua portuguesa brasileira são derivados da língua latina. Um exemplo é o adjetivo “bom” do latim *bônus*, que faz referência àquilo que tem bondade, qualidade, agradável e positivo dentre outras definições que o dicionário Aurélio (2010) nos apresenta. Quando dizemos que uma coisa é boa, sobre ela colocamos um valor positivo que separe conscientemente aquele objeto, pessoa ou ações que não apresentam um valor agradável ao gosto, conceito ou predileção.

Para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2001) nossa consciência relaciona-se ao florescimento da linguagem articulada, assim que nos tornamos capazes de nos referirmos às coisas através de signos como as palavras ou imagens pictóricas, começamos a produzir valores. O ato de nomear é classificar, diferenciar e consequentemente, avaliar.

Mas, o que torna determinado objeto, ação ou paradigma bom? Quais conceitos estão presentes na avaliação? Quais critérios usar para definir se tal coisa é boa ou ruim? O senso comum evidencia “erroneamente” que gosto não se discute, mas somos constantemente impelidos a tomar decisões baseadas em percepções valorativas, julgamentos feitos por nós mesmos, por nossos familiares e pelo grupo social em que o conceito de bom está sempre sendo chamado a nos auxiliar a tomar decisões.

Conquanto a educação seja um campo complexo, alguns referenciais de valores são norteadores para a constituição de um “bom professor” em âmbito geral. De acordo com os referenciais obtidos por meio do Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente - Documento para consulta pública, Mec/Inep- 2016, um bom professor:

domina os conteúdos curriculares de sua disciplina; tem consciência das características de desenvolvimento dos alunos; conhece as didáticas da disciplina; estabelece um clima favorável para a aprendizagem, entre outras especificidades (BRASIL, 2016, p. 04).

Mesmo não conhecendo esses pressupostos de bom professor obtidos pela pesquisa do Ministério da Educação é comum ouvirmos nos corredores, em bate-papos informais a afirmação: aquele professor é bom. Aquela professora é ótima. Ou mesmo tal professor é ruim. Esse



juízo é feito por nós professores, pelos alunos, pelos pais dos alunos, em suma, por toda a comunidade escolar seja de forma explícita ou implícita.

Existem pesquisas que evidenciam aspectos necessários para que haja um critério mais objetivo acerca dos elementos que constituiriam um bom professor. Obviamente que cada uma das pesquisas parte da premissa de que é preciso definir quais saberes deve ter um bom professor e, conseqüentemente para quais sociedades e classe social esse bom professor ensina. Para Apple (2006), definir qual o conhecimento de maior valor para a formação docente é uma escolha ideológica e política, pois a educação não é neutra e o professor está envolvido em um ato político, estando ele ciente ou não disso.

Mas, para além das pesquisas que tornam o professor e suas práticas objeto de estudo para delinear o conceito de “bom professor”, questionamos como os docentes definem e se definem como bons professores? Quais elementos eles evidenciam como fundamentais para ser um bom professor? Essas são algumas perguntas que essa pesquisa visa responder.

Para responder os questionamentos, o procedimento adotado nesta investigação para o alcance dos objetivos, caminha pela abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico. Para isso utilizamos uma apresentação histórica numa perspectiva arqueológica da profissão docente tendo como objetivo explicar o surgimento da profissão docente na sociedade ocidental, e para tanto, recorremos a autores como Gadotti (1998), Jaeger (2013), Cambi (1999), Russel (2003).

Posteriormente, discutimos quais são os saberes necessários para o professor na sociedade atual, referenciando-nos em autores como Nóvoa (1997), Pimenta (2002), (2004), Perrenoud (2001), Morin (2002), Libâneo (2016), Mosé (2013), entre outros.

Em seguida apresentamos o resultado da pesquisa acerca da percepção dos professores do Colégio Estadual Professor Salvador Santos sobre o que é ser um bom professor, diante dos dados e baseados na Análise do Discurso Crítico (ACD) tendo como referenciais autores como Fairclough (1989), (1995) e (2001), Maingueneau (2002) e (2008), entre outros. Observamos como o ideal e o necessário para a constituição de ser “bom professor” na atualidade estão presentes no discurso dos professores e,

consequentemente, qual a percepção dos docentes da referida escola sobre o que é ser um bom professor.

A Origem da Profissão Docente

O sintagma que nomeia esse tópico (A origem da profissão docente) é composto por cinco elementos, ainda que o artigo e a contração “da” desempenhem funções relevantes na frase, o que nos interessa mesmo são os léxicos “origem”, “profissão” e “docente”. Pretendemos, de forma breve, relatar a origem da profissão docente e, para tanto, partiremos destes léxicos da língua portuguesa brasileira. Cabe ressaltar que não temos o objetivo de fazer um estudo da arte da gênese do ofício do magistério, pois entendemos que já há inúmeras pesquisas que evidenciam esse nascedouro do exercício da profissão. E sim, situar o leitor a partir de qual lugar nasce a profissão e como se dão os seus desdobramentos, para que possamos entender o processo de profissionalização docente e, consequentemente, quais os saberes necessários para o profissional do magistério nos albores do século XXI.

Começemos com o termo “origem”. Antes da definição dicionarizada do léxico, é importante dizer que, segundo Abbaganno (1999), na linguagem filosófica, esse termo é essencial, inclusive a palavra “fundamento” tem a ver com origem. O termo surgiu na Filosofia no século VI a. C. com um grupo de pensadores peculiares que procuravam o arché da realidade. Ou seja, o princípio entendido como início no tempo e fundamento do cognoscível. Em resumo, aquilo que dá suporte, que está em todas as partes e que é essencial em todo real.

No dia-a-dia o termo “origem”, assume um sentido polissêmico significando princípio, nascimento ou começo de alguma coisa. Porém, qual a definição ideal para a nossa pesquisa? De acordo com o Houaiss temos:

ORIGEM: 1. Ponto inicial de uma ação ou coisa que tem continuidade no tempo e/ou no espaço, ponto de partida. 2. Local de nascimento (...) 3. A sequência das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família; proveniência de um grupo social ou de um povo ascendência, genealogia, progênie (os olhos comprovam a sua o. oriental) 4. p. ext. a nascente de um rio, fonte (...) 5. p. ext.



qualidade de; procedência; proveniência (...) 6. Fig. Aquilo que provoca, ocasiona ou determina uma atitude, um acontecimento, a existência de algo; causa, razão (...) (HOUAISS, 2001, p. 2081)

Então, se pensarmos que origem quer dizer ponto de partida para algo, um local de nascimento, perguntemo-nos da origem, do ponto de partida da profissão docente. Afinal, seria possível detectar um ponto inicial, um nascedouro ou mesmo como se constitui e quais os desdobramentos dessa profissão?

A nossa civilização ocidental tem um ponto de partida: a Grécia Antiga, onde viviam os filósofos gregos. De certa forma esses sujeitos eram e foram os primeiros a fazerem da arte de ensinar um ofício. Mas ainda assim, não temos um início, sobretudo porque o filósofo Sócrates, que viveu no século V a. C e morreu no ano 399 a. C, fazia questão de evidenciar, em seus discursos, que não era um profissional da educação. Então, o que configura um profissional da educação? O que vem a ser um docente?

Aqui deparamo-nos com questões delicadas sobre a atividade docente, que traz desde a sua origem um “desprestígio”. Pois, o trabalho do professor, sobretudo aquele que se dava com crianças menores, era considerado uma continuidade das atividades maternas, que exigia mais uma vocação do que um preparo técnico para função. Contudo, vamos retomar as questões do parágrafo anterior. E para respondê-las recorreremos ao conceito de “profissão”, que de acordo com o dicionário (HOUAISS, 2001, p. 2.306) é uma “1. ação ou resultado de professar (reconhecer publicamente, jurar) 2. Declaração ou confissão pública de uma crença, uma religião, uma tendência política ou um modo de ser”. E paripasso a isso, trazemos ainda o conceito de “professor” que segundo a mesma fonte quer dizer:

PROFESSOR: 1. aquele que professa uma crença, uma religião 2. aquele cuja a profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidades, docente, mestre (...) p. ext. aquele que dá aula sobre algum assunto (...) 2.2 aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa (...) 3. Aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (...), que exerce a profissão de ensinar ou tem diploma ou título de professor (...) que professa (...) (HOUAISS, 2001, p. 1068).

E para concluir essa parte, o referido dicionário nos apresenta o conceito de “docente” como sinônimo de professor “1. Ação de ensinar, exercício do magistério. 2.



Qualidade de docência, ETIM, rad. do v. lat. *docere* “ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender” (...) (HOUAISS, 2001, p. 1068).

De posse desses três últimos conceitos, podemos concluir que o docente é um profissional, pois, se preparou tecnicamente para ensinar, porque ganha seu sustento por meio dessa atividade laboral, sendo que aquele (docente) declarou publicamente, ao graduar-se, que executaria de forma adequada essa atividade. Professor, então, é aquele trabalhador que ensina em uma instituição de ensino, que exerce a função ou possui o diploma ou titulação de professor. No entanto “... professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas”. (PIMENTA, 1990, p. 18). Essa atividade laboral se define e se efetiva nos conceitos de ensinar, instruir, transmitir conhecimentos, preceitos, valores, despertando capacidades de inúmeros tipos.

Porém, de acordo com Pimenta (1999) a identidade docente não é um item inalterável, muito menos externo, que permita ser adquirido, mas um meio de constituição do indivíduo historicamente estabelecido. Para a autora, uma identidade profissional se efetiva por meio e a partir da significação social da profissão; assim como da releitura ininterrupta dos referenciais sociais da profissão e também da revisão das tradições anteriormente estabelecidas. Não obstante, a identidade docente segundo Pimenta (1999) nasce e se concretiza na reafirmação de ações canonizadas culturalmente e que se mantêm significativas.

Gênese Histórica

Após definir os conceitos semânticos dos léxicos origem, profissão e docente, é fundamental evidenciar como se deu o surgimento histórico da profissão docente. Recorreremos ao método arqueológico conceituado pelo filósofo francês Michael Foucault (1997) em que evidencia que o conjunto de pensamentos e de conhecimentos são permeados por regras (gramaticais e da lógica) que atuam sob o pensamento dos indivíduos e consubstanciam um conjunto de probabilidades conceituais que irão determinar os limiares da ideia e da utilização da linguagem em um determinado campo



e em um determinado tempo. Foucault busca uma perspectiva filosófica e crítica das leituras estruturais do campo fenomenológico e dogmáticos tanto da História quanto da Filosofia, que retratam, segundo o teórico, as narrativas de forma contínuas e ingênuas projetando nossa consciência sobre o pretérito de forma exclusiva e excludente.

Sabemos evidentemente que as narrativas são complexas e recortadas por períodos de avanços e de recuos. Compreender o percurso histórico da profissão docente permite-nos entender as complexidades da atualidade. Obviamente o conhecimento histórico não é a garantia de uma ação eficaz antes as demandas, cada vez mais exigentes da sociedade contemporânea, no entanto essa compreensão do passado provoca uma atitude mais crítica e reflexiva.

Ao estudar a História da Educação, dos seus processos e de seus atores sociais ampliamos nosso repertório e podemos observar o passado, o presente e o futuro com uma diversidade no olhar diante das inúmeras situações que ora se apresentam. Cambi (1999) afirma que a Educação não é um lugar, e sim um edifício social, em que o eu renova a práxis de cada educador.

Ao olhar para o nosso passado de formação humanística, percebemos como a educação foi e continua sendo um elemento fundamental na constituição do homem. E é na Grécia Antiga que nasce essa preocupação com os processos educacionais do homem de forma holística.

A formação integral do homem tal qual os gregos pensaram por meio do conceito da Paideia consiste num norte desse sistema humano, chamado educação. Ele permite que nós sejamos os únicos animais educados e educáveis intencionalmente, transmitindo, reproduzindo, inovando e inventando novas formas de convívio social.

A educação nos seus primórdios sempre esteve ligada à perspectiva religiosa. No Oriente, crenças como o budismo, o hinduísmo e o judaísmo foram precursoras de rituais de iniciação em que os elementos dessas crenças eram passados de forma “espontânea, natural, não intencional, a educação baseava-se na imitação e na oralidade, limitada ao presente imediato” (GADOTTI, 1998, p. 21). Obviamente esse modelo de educação não



era sistematizado, pelo contrário, era marcadamente espontâneo e não havia um profissional designado para exercê-la.

Assim, podemos afirmar categoricamente que no Oriente antigo não havia qualquer traço da figura do professor ou mesmo uma profissão docente específica. Gadotti (1998) afirma que a educação era dever de toda a comunidade, eram conhecimentos práticos do dia-a-dia; para saber usar o arco e a flecha, a criança caçava, para saber nadar nadava. A escola era toda a aldeia.

No entanto a vida evolui e surge a chamada divisão social do trabalho. Esse fenômeno social provocou mudanças na comunidade “aparecem as especialidades: funcionários, sacerdotes, médicos, magos; a escola não é mais a aldeia e a vida funciona num lugar especializado onde uns aprendem e outros ensinam” (GADOTTI, 1998, p. 21). No entanto essa nova configuração ainda não explica o surgimento da profissão docente. Pois, o poder exercido nesse meio social é marcado por uma forte ação dogmática e religiosa. A educação primitiva foi substituída pela educação sistemática por meio da força; o saber que era coletivo, agora, é expropriado e apresentado sob uma nova roupa para os excluídos do poder sob forma de interdições, de normas, e de preceitos a serem seguidos. Essa educação, digamos, mais especializada, ainda estava nas mãos dos sacerdotes, o ensino religioso ainda se sustentava nos textos sagrados e não havia o professor como profissional da educação.

De acordo com Gadotti (1998) é na Grécia que surgirá esse profissional, o professor, na civilização que serviu de base para a nossa civilização, nossas culturas e educações ocidentais. Na Grécia a educação tomará um novo sentido. De acordo com Jaeger:

Não é possível descrever em poucas palavras a posição revolucionária e solidária da Grécia na história da educação humana. Objeto desse livro (Paideia) é apresentar a formação do homem grego, a Paidéia, no seu caráter particular e no seu desenvolvimento histórico. Não se trata de ideias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital. Contudo, essa história vivida já teria desaparecido há longo se o homem grego não a tivesse criado na sua forma perene (JAEGER, 2001, p. 7).



A educação grega é holística e remete a tudo que os gregos produziram: filosofia, política, poesia, artes e etc. Os povos helenos configuram um marco na História da humanidade,- mas é sem dúvida na educação o maior legado deixado pelos gregos. O próprio conceito da Paideia usado até hoje para se referir à formação integral do homem é prova disso. Lá na Grécia nasceu a educação como lugar de atividade estruturada, organizada, orgânica e específica do homem. Foi lá também que surgiu a profissão docente.

Os poetas tiveram um papel fundamental na civilização grega e na educação. Dois grandes poetas se destacaram, o primeiro foi Homero, considerado o educador de toda Grécia. A ideia do poeta como um educador sempre esteve presente entre o povo grego. De acordo com Jaeger (2001) o autor de *A Ilíada* e *A Odisséia*, publicadas entre os séculos X e VIII a. C., foi o exemplo mais notável desta concepção geral de que o poeta era o educador do povo. Hesíodo foi outro grande poeta que contribuiu para a educação grega. Autor da Teogonia onde narra como surgiu a criação dos deuses e a dinastia de Zeus no Olimpo.

Mas o que têm esses poetas a ver com a profissão docente? Eles, juntamente com os aedos, atores e recitadores itinerantes realizavam uma intensa jornada educativa na Grécia, ainda que não fossem profissionais da educação, pois não havia sistematização e estruturação em suas ações. Eram os responsáveis pela transmissão dos valores, das ideias, das tradições e da cultura helênica. Educavam, mas não eram educadores profissionais.

Porém, no século V a. C, surgiram os docentes por meios de atores sociais, chamados de sofistas. Naquele século, a Grécia passaria por inúmeras transformações sociais e políticas. Atenas se consolidava como lugar de destaque e de propagação da cultura helênica. Em 478 a. C, Péricles foi o responsável pela consolidação do domínio grego na região. Houve então um florescimento econômico, social, cultural, filosófico e científico, dentre outros.

Essas mudanças ocasionaram uma mudança na forma de o povo grego ver o mundo. Os deuses gregos e a poesia deixam de ser a principal forma do grego interpretar

o mundo. Com a efervescência das cidades, o cidadão da Grécia passa a participar mais ativamente da vida política das *polis*. O orador passou a tomar o lugar do poeta. Houve uma necessidade urgente de encontrar mestres na fina arte da retórica e da persuasão. Nasceram, desse modo, os primeiros professores profissionais: os sofistas. Sofista quer dizer sábio, de um domínio específico do conhecimento. Eles são os mestres do falar bem, da argumentação, e são os professores da Retórica. Ele é o primeiro profissional da educação remunerados para esse fim. Ensinam sobre ética, leis e políticas. Entre os principais sofistas destacaram-se Protágoras e Gorgias.

Evidente que os sofistas não eram unanimidade na Grécia, sendo que o principal opositor aos métodos de ensino desses “primeiros docentes” foi o grande filósofo Sócrates, que contrapunha aos sofistas ao defender uma docência realizada por amor à vocação, e por convicções filosóficas. Ele não aceitava dinheiro para ensinar e se referia aos sofistas como “prostitutos” por venderem o saber. A docência socrática era essencialmente interativa e participativa. Usava da dialética como forma de produção do conhecimento. Foi condenado à morte sob a acusação de corromper juventude.

Em resumo tanto os sofistas quanto Sócrates foram os primeiros professores do Ocidente, neles estão a gênese desse nobre ofício. Os primeiros eram profissionais específicos remunerados para o trabalho, ao passo que o segundo trouxe uma ideia de docência ligada ao amor pela profissão, à busca conjunta pela verdade, o método dialético e a interação com o outro.

“O Professor Ideal de Hoje”

O idealismo é umas das mais importantes correntes filosóficas da modernidade. Há muita controvérsia de onde tenham surgido suas bases epistemológicas. Porém, a mais aceita é que tenha nascido na Grécia Antiga, inspirado nas ideias do filósofo Platão (428 a. C. – 347 a. C.). Para Platão o mundo tal qual o conhecemos é na verdade uma extensão imperfeita do mundo das ideias, metafísico. Ainda que mantenha ligação histórica com a Antiguidade Clássica, o idealismo retoma seu apogeu no período Moderno, sobretudo

pela influência de pensadores como René Descartes e da escola filosófica alemã com Immanuel Kant e Friedrich Hegel.

O idealismo parte da premissa de que o mundo jamais pode ser cognoscível, em outras palavras, jamais pode ser compreendido. Sobretudo porque os sentidos humanos alteram o objeto de análise não permitindo que ele seja conhecido em si mesmo. A alternativa seria o método proposto por Platão: o mundo só pode ser conhecido por ideias e por conceitos. Pois ele supunha que a realidade que observamos (o concreto) é tateável, contudo inacabado, já o mundo ideal é ininteligível e esmerado.

Para Mosé (2013) a influência do pensamento socrático-platônico marca o pensamento ocidental. É a partir dessa ideia de ideal formulado pelos gregos que regulamos nossas vidas. De acordo com a filósofa nosso conhecimento é vítima de uma única interpretação do mundo, a socrática-platônica, que acreditava que o pensamento é maior que o corpo. Por isso idealizamos tudo: família, carreira, emprego e relacionamentos. Avida em si.

Se tudo pode ser idealizado, obviamente o pensamento ocidental idealizou a figura do professor, definiu nas perspectivas platônicas, ideias e conceitos do que é o bom professor e o que ele deve ter.

Em “Sociedade dos Poetas Mortos” (1989), Robin Williams interpreta o professor de poesia, John Keating, em uma escola destinada a jovens da elite americana. A academia Welton tinha como marca o ensino tradicional em que princípios como tradição, honra, disciplina e excelência deveriam ser respeitados e ensinados por seus professores. Mas o mestre Keating rompe com esses valores e ganha a admiração dos alunos e a reprovação da direção e dos pais dos discentes da escola. [...] Katherine Watson (Julia Roberts) é Professora de História da arte na tradicional Wellesley College, lugar onde as jovens mulheres estadunidenses se preparam para serem esposas cultas e mães responsáveis. Mais uma vez, em “O sorriso de Mona Lisa” (2003), a figura do professor será aclamada pelos alunos e cerceada pela família e pela direção da instituição.

Mas o que o senhor Keating e a senhorita Watson tinham em comum? O que faziam deles “bons professores” para os alunos e “ruins” para a direção da escola e para



os pais? Tanto Watson quanto Keating eram professores que romperam com o paradigma da identidade docente construídas nas suas respectivas instituições. Propunham metodologias inovadoras, tinham conhecimento do que estavam fazendo, buscavam o diálogo constante com seus discentes e tinham domínio de sala de aula. Nas obras citadas essas competências são mobilizadas por inúmeras ações mais globais de gestão de classe, por exemplo, saber prever e prevenir a agitação ou de animação de uma atividade didática, por exemplo, saber determinar e envolver os alunos distraídos ou perdidos. (PERRENOUD, 2000, p. 16.). Contudo era isso que os tornavam “bons professores”? Obviamente estamos falando de obras cinematográficas, no entanto, a vida imita a arte e vice-versa. Entretanto, para além da sétima arte, quais lições podemos tirar desses filmes que nos auxiliariam a compreender quais os saberes necessários para o “bom professor” na atualidade?

Para Nóvoa (1987) o professorado constituiu-se em profissão graças à intervenção e ao enquadramento do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino. O pesquisador português sugere um conceito de profissão que articula quatro processos imbricados na configuração da profissão docente. Para ele o processo de profissionalização envolveu de forma primária a prática de determinada atividade em tempo integral ou, ao menos, enquanto ocupação principal. Dessa forma a problemática da profissionalização só se coloca a partir do momento em que certo domínio social é ocupado por um conjunto de indivíduos que lhe consagram a maior parte do seu tempo de trabalho, buscando dessa forma, sua subsistência. Nóvoa (1987) ressalta a importância da criação, pelas autoridades públicas ou estatais, de um suporte legal para o exercício da atividade, sob a forma, por exemplo, de uma licença ou de um diploma.

Para o educador português esse segundo processo é particularmente importante para as profissões de tipo burocráticas porque define um quadro legal de acesso à profissão. Normalmente esse quadro estabelece as condições necessárias, principalmente as que se relacionam com as competências exigidas para o ingresso na profissão, bem como institui procedimentos de recrutamento bem definidos.

Mas o que dizem as agências de recrutamento de docentes quanto a escolha dos professores? Há critérios valorativos nesses instrumentos de seleção de professores? Os elementos são essencialmente técnicos para a escolha do professor? Esses critérios garantiriam a seleção de um bom professor? O pesquisador português acredita que “hoje em dia, o ensino de qualidade é mais fruto do voluntarismo dos professores do que consequência natural das condições de trabalho adequadas às dificuldades reais e às múltiplas tarefas educativas”. (NÓVOA, 1995, p. 108).

A profissionalização da função docente estabeleceu regras para a contratação de professores, o que na verdade parece ser um “não lugar” para o professor. De acordo com Antônio Nóvoa:

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber de mais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais; etc. (NÓVOA, 1997, p. 2.)

Esse “não lugar” da profissão docente caracterizado pela fragmentação da figura do professor, obviamente advém de um processo mais complexo da fragmentação do conhecimento e, logo do ser humano. Portanto, não há soluções simples para questões complexas. Entender quais são as qualidades necessárias ao professorado hoje, inscreve-se na perspectiva de desenvolvimento de um pensamento que una e articula-se com o mundo em contraposição ao pensamento disjuntivo que separa e isola. É necessário “civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas aptas a se auto reformar [...] necessitamos que se cristaliza e se enraíza um paradigma que permita o pensamento complexo.” (MORIN, 2006, p. 32).

A formação docente é o lugar essencial para esse debate acerca dos saberes necessários ao professor hoje. Os desafios são inúmeros, conforme evidencia o professor José Carlos Libâneo:



A atividade docente se defronta com dilemas frente a necessidades sociais e individuais de formação profissional num mundo em mudança. Estão em curso, em nível global e local transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, éticas, que, atuando em conjunto, repercutem em várias esferas da vida social como a organização do trabalho, as formas de produção, a formação profissional. (LIBÂNEO, 2009, p. 09.).

É por meio da pesquisa e da formação que podemos reagir a essas mudanças e encontrar um lugar que reúna elementos mínimos que garantam as prerrogativas dos requisitos necessários à formação inicial do professor para atuar nas instituições de ensino. A auto-formação é também um elemento importante nesse percurso. E como falamos de um processo social, altamente mediado como a educação, é preciso aprender com o outro e a outra as qualidades necessárias ao professor hoje. De acordo com Antônio Nóvoa:

(...) O professor forma a si mesmo através das inúmeras interações, não apenas com o conhecimento e as teorias aprendidas nas escolas, mas com a prática didática de todos os seus antigos mestres e outras pessoas, coisas e situações de ensino durante toda a sua vida. (NÓVOA, 1997, p. 28.).

Concordamos com o autor, pois entendemos que bons professores com práticas inovadoras e reflexivas, incentivam e auxiliam outros docentes a reinventarem suas práticas e contribuem para a renovação desse ciclo. Ainda que hoje infelizmente poucos alunos no ensino médio se interessem pela profissão. No entanto bons professores inspiram seus educandos a seguirem os passos dos mestres. A pesquisa sobre os processos que envolvem a formação docente é uma forma de contribuir para que mais estudantes e pesquisadores da educação despertem o interesse por esse tema e promovam o debate sobre a “arte de ser professor”.

O pesquisador francês Philippe Perrenoud é uma das maiores autoridades no assunto sobre formação de professores no Brasil e no mundo. Suas pesquisas contribuem para o debate acerca das competências necessárias ao professor hoje e no futuro. Perrenoud (2001) afirma que não se pode formar professores sem fazer escolhas ideológicas, sobretudo em consonância com o paradigma de sociedade e de homem que



imaginamos. Para o sociólogo francês só assim vamos atribuir as mesmas finalidades a escola e de forma contínua a formação de professores. Perrenoud (2001) reitera que mesmo numa sociedade globalizada a educação não é unificada. Não há motivos para sermos otimistas, pois a escola está sempre em disputa e, conseqüentemente, a formação desse profissional que atua dentro dela, é o lugar essencial para essa batalha.

Observamos que os ventos conservadores nessa quase metade de século XXI sopram cada vez mais fortes. Para Menezes (2001) há uma tensão entre as finalidades ideais e as designadas à escola, que nem sempre são as mesmas. Com relação às competências necessárias ao professor hoje, Philippe Perrenoud (2001) deixa claro que não lhe interessa professores que apenas servem para reproduzir as desigualdades existentes. Para ele é preciso formar docentes para democratizar a cultura e assim criar sujeitos autônomos em sociedades democráticas. O sociólogo francês evidencia algumas qualidades indispensáveis aos docentes como: ser confiável e coerente; uma pessoa com que o aluno possa conversar; deve ser um engenheiro de situações de aprendizagem; saber administrar uma heterogeneidade crescente de origens sociais, de diferentes níveis de ensino; deve gerir percursos de formação individualizados; é preciso ser um mediador entre as culturas e um estimulador de uma comunidade educativa. Esse professor é respeitador das regras mínimas, garantidas pela Lei. Respeita a palavra do outro e organiza um ambiente de trabalho democrático. E por fim deve ser um intelectual, em outras palavras, um agente que tenha uma relação com o saber e com o debate.

Obviamente que não podemos pensar essas competências como uma lista, em que se o profissional cumprir o *check list*, teríamos a formatação de um bom professor. É preciso ter uma dimensão global desse processo, pois, professores não são técnicos burocratas de ensino. O fundamental é ter uma atitude reflexiva que faça do exercício da profissão um lugar constante de troca de saberes e de experiências, construindo os saberes perante os percursos individuais e coletivos. Como afirma Menezes (2001) trata-se de dizer, em outras palavras, que o professor deve ter uma “auto-formação permanente”.

A Pesquisa de Campo: O Que é Ser Um Bom Professor?



Além da análise bibliográfica, o presente estudo realizou uma pesquisa de campo com os professores do Colégio Estadual Professor Salvador Santos, inaugurado no dia 02 de fevereiro de 1988, subordinado administrativamente ao governo do Estado de Goiás, por meio da Secretaria de Estado de Educação. O referido colégio está localizado no município de Anápolis, no bairro Calixtolândia, região sudeste do município. Fundada no ano de 2000, a instituição possui 284 alunos matriculados no ano de 2019. Para atender a comunidade discente o colégio oferta o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, nos períodos matutino e vespertino, além da modalidade de Ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

Essa instituição escolar possui 15 professores, 3 professores de apoio, 1 professora de atendimento escolar especializado e 9 profissionais da educação de função técnica, divididos entre auxiliares de limpeza, vigias, auxiliares de alimentação e técnicos administrativos. O colégio funciona em um local alugado pelo Estado, contando com 4 salas de aulas, 4 banheiros, cantina, uma pequena sala dos professores, sala da coordenação pedagógica, biblioteca e a secretaria escolar.

As estruturas do colégio são precárias, com espaços improvisados para o atendimento à comunidade escolar. No entanto, mesmo diante das inúmeras deficiências estruturais apresentada, há uma percepção de “comunidade escolar” muito forte naquela instituição. Durante a pesquisa nós observamos um comprometimento de todos no desenrolar dos processos educacionais naquele espaço. Esse “engajamento” denota um voluntarismo educacional com vistas a superar as dificuldades impostas pelo sistema. O histórico dessa instituição, diante dessas “dificuldades”, nos motivou a escolhê-la como campo para nossa pesquisa.

Essa pesquisa de campo foi realizada entre os dias 07 e 11 de fevereiro de 2019. Realizou-se uma explanação sobre o objetivo da pesquisa aos/as professores/as, deixando explícito a não obrigatoriedade da participação, porém cabe ressaltar que todas elas se colocaram dispostos a participação.

O instrumento de coleta de dados, foi constituído com perguntas objetivas numeradas do 1 ao 10 e subjetivas do 11 ao 15 (observar apêndice). Participaram da

pesquisa 10 professores. Com relação ao nível de escolaridade podemos observar nos gráfico:

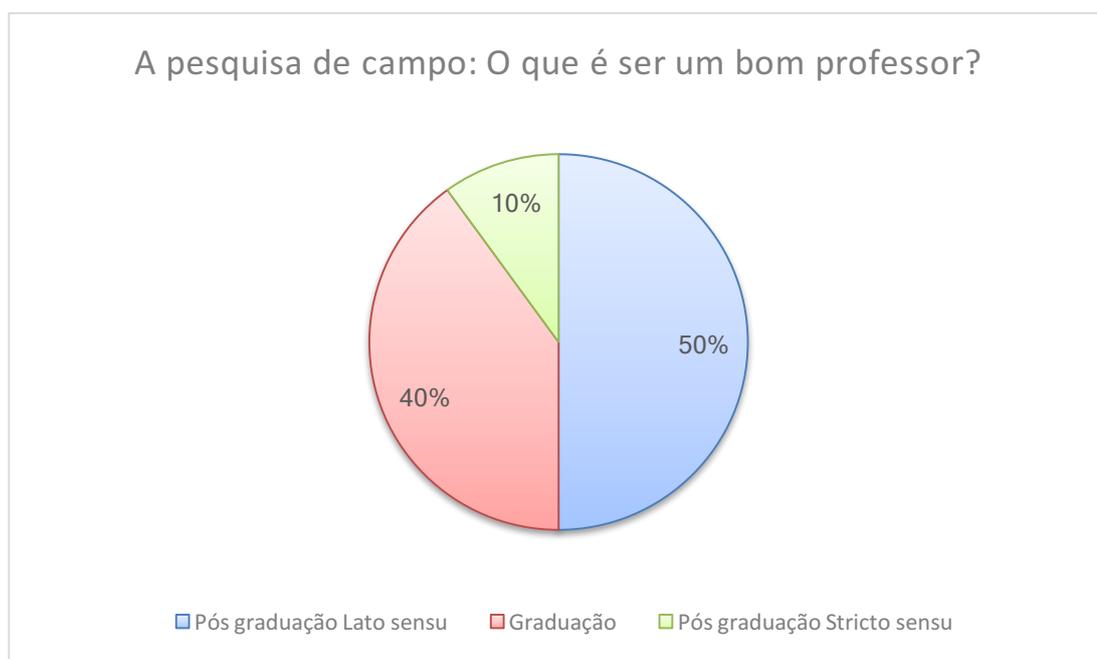


Gráfico 1

Quanto ao tempo de exercício docente, 60% deles possuem entre 3 a 15 anos de profissão. 60% desses docentes atuam, basicamente, no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. Com relação ao número de turmas, a maior parte, 70% ministra aulas em mais de 7 turmas. Acerca da relevância da profissão, 100% deles consideram a profissão docente muito importante, assim como, 60% sentem muito orgulho em ser professor. Para 90% deles a docência é o principal meio de subsistência.

No quesito valorização, os participantes da pesquisa ficaram divididos:

A pesquisa de campo: O que é ser um bom professor?

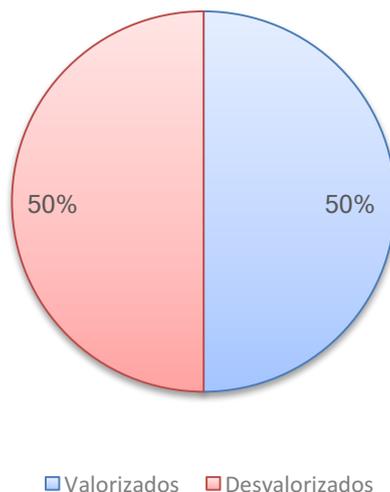


Gráfico 2

Contudo, 100% consideram o governo como sendo o maior culpado por essa desvalorização docente. Desses, 20% atribuíram a culpa também aos alunos.

O questionário com as questões discursivas da pesquisa, contou com 4 questões (vide apêndice). Optamos por analisar as respostas dessas questões a luz da Análise do Discurso. Opta-se por essa área, pois, segundo Fairclough (1989) a Análise Crítica do Discurso doravante denominada ACD, evidencia como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas, de poder e de dominação mais abrangentes.

Enfatizamos que a função docente é uma prática social vinculada ao mundo do trabalho. De forma que o discurso do professor é atravessado pelas relações sociais estabelecidas e constituídas pela sociedade moderna e pelo seu modo de organização social. De acordo com Fairclough (1989) toda ação discursiva é reconhecida paralelamente com um texto, uma demonstração de prática discursiva e logo uma evidência de práxis social. Na ACD, o discurso é reconhecido como elemento constituidor do social, das sublimações e conseqüentemente dos entendimentos acerca do mundo.



Assim, ao enunciar um discurso, a pessoa age sobre o mundo e também sobre as outras pessoas, sendo veiculados, nesses discursos, valores e identidades sociais.

Ao analisarmos as respostas da pergunta número 11, percebemos a penetração de um forte discurso propagado nos últimos anos sobre a necessidade de valorização docente. Léxicos como “compromisso”, “dedicação”, “conhecimento”, “reflexão” e “protagonismo” são conceitos presentes no discurso dos professores, conforme podemos observar na resposta de um docente participante da pesquisa. “Repensar a educação escolar sempre. A importância da reflexão, assim alcançaremos maiores relevâncias em todos os contextos, sejam culturais e sociais” (Participante 1).

Documentos como as Diretrizes Curriculares para a Formação dos Professores da Educação Básica reforçam esses pressupostos. Para Virgínio (2009), o professor competente sabe colocar em prática todo seu saber, otimizando e mobilizando recursos em várias situações. Ele sabe refletir sobre e na ação, sempre a executando com urgência e na incerteza. Ao ser considerado reflexivo e se considerar reflexivo, o professor articula saberes teóricos da prática e os saberes sobre a prática.

O chão da sala e o pátio da escola são locais de prática, onde o docente executa seu fazer pedagógico amparado nos saberes teóricos adquiridos em espaços de formação. O confronto entre a teoria e a prática constitui os docentes em geral, e em especial, os “bons professores”. Entender e reconhecer essas interfaces são fundamentais para o ser docente.

A pesquisa contou com 10 participantes, onde 9 se consideram bons professores. Em seus discursos eles destacam elementos relacionados à metodologia das aulas; buscam a formação continuada, mostram um comprometimento profissional com a sua profissão. No entanto, uma resposta nos chama atenção pelas razões elencadas, porque aquele profissional não se considerasse um bom professor: “Não, porque minhas aulas são tradicionais com poucas atividades dinâmicas, e me falta tempo para buscar novos conhecimentos” (Participante 3)

Essa resposta corrobora com a leitura de como os professores internalizam o discurso construído sobre a identidade docente, que na atualidade cobra do professor aulas



dinâmicas e aperfeiçoamento profissional. Fairclough (1989) considera as inter-relações e os embates de poder como constituidores ideológicos de textos, situações e práticas garantindo a absorção, não sem resistência, de discursos que incutem ideias representantes do poder e da hegemonia dominante. Pois, todo discurso é político, tendo como alvo, as relações de poder e de dominação.

Há um sentido de episteme foucaultiano na interpretação dos dados da pesquisa. Foucault (1999) concebe o conceito de episteme, segundo um conjunto de enunciados ou de discursos referenciados numa ferramenta conceitual que organiza a linguagem e o pensamento e lhes fornece o sentido de que as palavras correspondem às coisas. Por meio dos discursos dos participantes da pesquisa, inferimos que as práticas de sala de aula dos docentes foram avaliadas de forma positiva. Destacando os aspectos elencados nas respostas dos docentes pesquisados, suas aulas são dinâmicas, boas, interessantes e sempre voltadas para o educando e há uma preocupação em oferecer uma boa aula aos alunos, apesar das dificuldades citadas como indisciplinas, falta de estrutura dentre outros.

Por outro lado, a pesquisa revela que há uma baixa adesão dos professores a atuação em movimentos sociais ligados à Educação. Ao analisarmos isso, percebemos um distanciamento entre o que os professores elencam como indispensável ao bom professor e a práxis social. Foucault (1969) destaca que o saber é uma construção histórica, e dessa forma, constroi verdades que se inscrevem e se revelam nas práticas discursivas.

O discurso propagado por meio das respostas da pesquisa de campo anuncia um docente comprometido com as transformações do seu tempo, um professor que reflete e que, no entanto, guarda essa reflexão apenas para o exercício docente. Para Maingueneau (2002, p. 95) “toda fala procede de um enunciado encarnado; mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito para além do texto”.

Em tese as reflexões dos docentes são emolduradas no espaço da escola e esses “torcem” para que os discursos propagados nas aulas encarnem nos alunos. É necessária uma reflexão sobre a representação, o discurso e a identidade docente nesse sentido.

Michael Foucault evidencia que “o primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina ser interpretação ou escuta de um já dito que seria, ao mesmo tempo um não-dito (FOUCAULT, 1969, p.28).

O descontentamento com as formas tradicionais de articulação docente, para além do espaço da escola, são uma das justificativas para o não engajamento:

“Hoje não atuo por considerar que esses movimentos perderam o ideal social, uma vez que seu foco atualmente é a militância partidária e ideológica sem considerar a pluralidade de ideias. Essa também é a visão que tenho das universidades públicas” (PARTICIPANTE 2, 2019)

No entanto o “não-dito” é a identidade docente formatada à passividade, características projetadas naqueles que fazem parte de uma instituição que promove a “docilização” dos corpos e mentes daqueles que lá se encontram. Nesse processo de docilização de corpos o professor não passa incólume dele. São contradições que precisam ser superadas, mas que fazem parte do “ser” professor.

Por fim, os docentes reproduziram as qualidades destacadas em si próprios como elementos presentes nos “bons professores” que tiveram. Elementos como paixão pela arte de ensinar, dinâmicos, com boas metodologias, comprometidos e engajados politicamente foram os itens destacados.

“Tive bons professores que considero mestres entre eles destaco Dina Miotto, Mirsa (sic) Seabra, Juscelino Polonial, Eliane Prudente, Adriana Mara Vaz. As características desses professores que chamaram a minha atenção foram o domínio do conhecimento e a postura ética, além do espírito crítico” (PARTICIPANTE 2, 2019)

Discursos como esse demonstram que a ação docente atravessa e é constituidora das características daqueles professores que se consideram bons profissionais. As competências elencadas como “boas” são internalizadas a partir da experiência com seus mestres.



Considerações Finais

O Estruturalismo é um domínio teórico que retificou uma das correntes filosóficas mais marcantes do século XX. Explicitada segundo estudos metodológicos e descritivos, o Estruturalismo não abdica das condicionantes históricas. É em Ferdinand de Saussure (1857-1913) que encontramos a gênese dessa vertente filosófica. A Linguística Estruturalista afirma que a linguagem não pode ser limitada às relações entre as palavras e as coisas.

Obviamente, como metodologia científica, o Estruturalismo permanece represado em sua aplicabilidade e no parcelado tratamento do homem enquanto ser social. No entanto, esse método possibilitou pensar e explicitar ponderações acerca da linguagem. Foucault é Pós Estruturalista, à medida que, nele, a linguagem se transforma em um conceito fundamental pois, a partir do pensamento moderno, ele a define (a linguagem) como estruturadora da relação entre o homem e o real. Foucault promove uma ruptura com o Estruturalismo do século XX, porque historiciza a ilusão presente no postulado de que o homem é o ator social da sua própria história. Ao fazer isso o filósofo francês se desprende das epistemes para as práticas discursivas.

Essas práticas são constituidoras da identidade docente. O discurso do professor é um ato político, intencional, sistematizado, constituidor e constituinte do profissional docente. Esse posicionamento é também elemento observável na definição do “bom professor”

Os desafios docentes são múltiplos, sobretudo nos últimos anos. A “nova ordem” na política brasileira é criminalizar os professores devido as suas posições ideológicas. Ao pesquisar a origem da profissão na Grécia antiga, podemos observar como a profissão docente foi forjada em lugares onde aqueles primeiros docentes se expunham em locais públicos tendo como características, o uso do discurso falado, pois usavam o poder da fala. E ser professor naquele período era, sobretudo falar e “falar bem”, uma forma capaz de convencer o outro.



Quando pesquisamos os desafios dos professores nos dias atuais e o que esperar do processo de formação docente, verificamos que esse profissional tem plena consciência da sua incompletude, devendo sempre buscar se atualizar para que possa desempenhar um bom trabalho. Como objetivo desse trabalho, a formação integral do homem não impede que a formação docente viva as contradições inerentes ao seu tempo pois a perspectiva socrática da dialética fica evidente nessa assertiva à medida que o processo de tese, antítese e síntese é constituidor da formação do professor.

Assim, o contato com a pesquisa possibilitou a verificação dessas contradições existentes no discurso docente. Um largo fosso que separa o que os professores evidenciam por meio do discurso e o que as suas práticas vêm mostrando. Assim, o universo da pesquisa não nos permite generalizações no entanto, o microcosmo pesquisado é carregado de subjetividades e de idiosincrasias que contraditoriamente se aplicam a outras realidades educacionais enquanto instituições de ensino: professores com uma carga horária estafante, atuando em níveis de ensino diversos; uma supervalorização da profissão docente, aliada ao não reconhecimento do seu valor na sociedade; apontamento de um culpado nessa história, o governo, que assume aqui uma abstração invisível de um monstro imaginário mas real que não pode ser combatido, apenas criticado.

A fé inabalável na mudança deve pautar a atuação docente. Dessa forma, a constituição de uma mínima identidade docente com objetivos em comum, deve guiar o processo contínuo de formação de professores. Os cursos de Graduação e de Pós-Graduação, além do próprio chão da escola, devem ser locais privilegiados para esses debates. Sempre com vista à configuração de uma identidade docente para que tenhamos sempre “bons professores”.

Ainda que haja critérios objetivos para qualificar um professor como “bom” ou “ruim”, é preciso que se diga que, assim como há bons professores, também existem péssimos docentes. Porém, a questão principal não é simplesmente ser ou não ser um “bom professor” e, sim, sempre rever sua prática pedagógica com o horizonte da incompletude sempre à vista o docente excelente não tão somente aquele que tem não



vergonha de dizer “eu sou bom no que faço”, mas sim aquele que percebe que, ao ser bom no que faz, inspira e seduz outros a seguirem-no e superarem seus passos. Afinal, o “bom mestre” é aquele que sempre almeja que o discípulo o supere.

Referências Bibliográficas

- ABBAGANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referências para o exame nacional de ingresso na carreira docente**. Disponível em: <http://consultaexamedocente.inep.gov.br/publico/download/Referenciais_para_o_Exame_Nacional_de_Ingresso_na_Carreira_Docente.pdf>. Acesso em 10 dez. 2018
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: ed. da Unesp, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- _____. Language and power. New York: Longman, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GADOTTI, Moacir (1998): **Pedagogia da práxis**, 2.^a ed., São Paulo, Cortez.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 2001.
- JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LIBÂNEO, José C. Didática na formação de professores: entre a exigência democrática de formação cultural e científica e as demandas das práticas socioculturais. In: SANTOS, Akiko; SUANNO, Marilza V. **Didática e formação de professores: novos tempos, novos modos de aprender e ensinar**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MENEZES, L. C. de. Políticas de formação de professores: a universidade em questão. In: LISITA, V. M. S. S. (Org.). **Formação de professores: políticas, concepções e perspectivas**. Goiânia: Alternativa, 2001.



MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MOSÉ, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 336 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NÓVOA, Antonio. (coord). Os professores e sua formação. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.

O SORRISO DE MONA LISA. (Mona Lisa Smile). Direção: Mike Newell, EUA, 2003.

PERRENOUD, Ph. (2001). Ensinar : Agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa. Porto Alegre : Artmed Editora (trad. em português de Enseigner : agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude. Savoirs et compétences dans un métier complexe. Paris : ESF, 1999, 2e éd.).

PIMENTA, S.G. (org.). O estágio e a docência. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (Org). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido, (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34).

RUSSELL, Bertrand. História do Pensamento Ocidental. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS (Dead Poets Society). Direção: Peter Weir, EUA, 1989.

VIRGÍNIO, Maria Helena da Silva. Análise dos conceitos de formação docente no contexto educativo/formativo brasileiro. 2009. Tese (Doutoramento em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ANEXOS

Resultado da Pesquisa

P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10
Pós Graduação Lato-senso	Até 3 anos	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito importante	Sinto orgulho	Sim	Desvalorizado	Governo	

Pós Graduação Lato-senso	9 a 15 anos	E. F. II	4 a 6 turmas	Muito importante	Sinto orgulho	Sim	Desvalorizado	Governo	
Graduação	3 a 9 anos	E. F. II	1 a 2 turmas	Muito importante	Sinto muito orgulho	Sim	Desvalorizado	Governo	
Pós Graduação Stricto Senso	15 anos ou mais	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito importante	Sinto muito orgulho	Sim	Pouco valorizado	Alunos e Governos	
Pós Graduação Lato-senso	15 anos ou mais	E. Inf. e E. F. II	4 a 6 turmas	Muito importante	Sinto muito orgulho	Sim	Pouco valorizado	Governo	
Graduação	Até 3 anos	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito importante	Sinto muito orgulho	Sim	Desvalorizado	Governo	
Graduação	Até 3 anos	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito Importante	Sinto muito orgulho	Sim	Pouco Valorizado	Governo	
Graduação	3 a 9 anos	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito importante	Sinto pouco orgulho	Sim	Desvalorizado	Governo e alunos	
Pós Graduação Lato-senso	15 anos ou mais	E. F. II e Ens. Médio	7 ou mais turmas	Muito importante	Sinto orgulho	Sim	Pouco Valorizado	Governo	
Pós Graduação Lato-senso	3 a 9 anos	E. F. II	7 ou mais	Muito importante	Sinto orgulho	Não	Pouco Valorizado	Governo	